ISSN 2525-6904

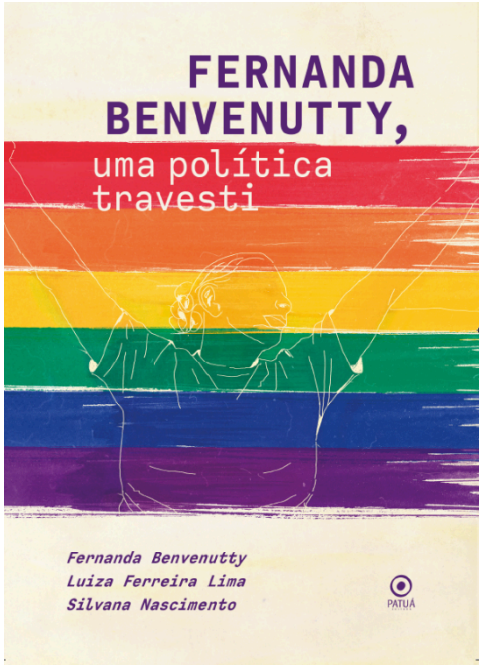
RESENHA

Fernanda Benvenutty, uma Política Travesti

Carlos Henrique Duarte Araújo, *Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal–RN, Brasil.*

Resumo: O livro resenhado narra a trajetória da travesti paraibana Fernanda Benvenutty, artista, ativista, trabalhadora da saúde e referência no movimento LGBTQIA+. A obra, escrita por Silvana Nascimento, Luiza Ferreira Lima e a própria Fernanda, apresenta sua trajetória como múltipla e entrelaçada, reunindo memórias e relatos de vida, destacando sua atuação como mãe, técnica em enfermagem e carnavalesca. É um registro sensível de resistência, afeto e afirmação de identidade.

PALAVRAS-CHAVE: Travesti. Identidade. Resistência. Memória. Afeto



Fernanda Benvenutty, como era socialmente conhecida, foi uma travesti, artista circense, trabalhadora doméstica, profissional da saúde, carnavalesca e política. Nascida em 9 de fevereiro de 1962, na cidade de Remígio, no interior da Paraíba, Fernanda tinha uma personalidade marcante e destemida. Registrada ao nascer como Eliziário Benvindo da Silva, enfrentou os desafios e preconceitos vividos por pessoas LGBTQIA+ em sua época. Desde cedo, era descrita como alguém com "um fogo difícil de domar e um desejo de sair pelo mundo vivendo as maiores aventuras".

Sua trajetória cruzou com a da professora, pesquisadora e antropóloga Silvana de Souza Nascimento, também autora do livro. Silvana é vinculada ao programa de pós-graduação em Antropologia Social da Universidade de São Paulo (USP) e conheceu Fernanda em 2008, quando realizava pesquisas pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Essas pesquisas abordavam a realidade de jovens trans, travestis e mulheres cisgêneras em situação de prostituição na BR-101.

Outra autora da obra, Luiza Ferreira Lima, doutore em Antropologia Social pela USP, dedica-se a estudos sobre travestilidades, transexualidades e transgeneridades sob uma perspectiva interseccional. Juntas — pois este livro também foi escrito com sua participação —, as autoras realizaram o sonho de Fernanda de registrar sua história, construindo uma narrativa que intercala relatos pessoais e reflexões sobre sua vida, desde a infância até a fase adulta. O livro revela suas intimidades, anseios, sonhos e a coragem de enfrentar o preconceito cotidiano, cativando o leitor a cada capítulo.

A obra conta com um prefácio de José Cleudo Gomes, educador popular, professor, ativista dos direitos humanos de pessoas LGBTQIA+ e amigo próximo de Fernanda. Estruturado em 13 capítulos, o livro percorre todas as fases da vida de Fernanda, da infância até seu falecimento, deixando um legado inspirador e emocionante.

O primeiro capítulo, **“O amor e o circo Babilônia”**, apresenta a coragem e a disposição de Fernanda ainda na adolescência. Aos 16 anos, ela tomou a decisão ousada de sair de casa e se juntar ao circo que passava por sua cidade. Nesse contexto, surgem seus primeiros amores e afetos, marcando um período de descobertas que a atravessaram profundamente.

No circo, Fernanda encontrou redes de apoio e afeto fora do ambiente familiar, o que a ajudou a explorar novos horizontes. Essas lembranças afetivas a acompanharam, fazendo-a alternar entre o desbravar do mundo e o retorno à casa de seus pais. Sua versatilidade

como artista circense também se destaca, sendo descrita como alguém que mantinha o circo Babilônia sempre em movimento, cheia de vida e energia.

No entanto, entre uma paixão e outra, Fernanda decide voltar para Remígio, motivada pelas dificuldades familiares que sua mãe enfrentava devido aos comportamentos de seu pai. Esse retorno marca um momento importante em sua trajetória, revelando um equilíbrio entre seu espírito aventureiro e o compromisso com os laços familiares.

No segundo capítulo, **“Infância arretada”**, conhecemos parte da vivência de Fernanda durante sua infância na cidade de Remígio. Sob a figura forte e rígida de seu pai, Ernane Benvindo da Silva, conhecido como Seu Galego, Fernanda era constantemente obrigada a performar uma identidade que não correspondia a quem realmente era. Desde cedo, ela aprendeu a "driblar as regras de comportamento" impostas às crianças, que delimitavam como meninos e meninas deveriam agir.

Esse cenário reflete uma realidade comum entre muitas crianças LGBTQIA+, que frequentemente crescem desenvolvendo estratégias para ocultar ou disfarçar sua verdadeira identidade. As aventuras de Fernanda nessa fase são narradas com riqueza de detalhes, destacando o papel acolhedor de sua tia Nila, que legitimava suas "traquinagens" e lhe dava apoio para explorar novos caminhos.

A história também aborda sua passagem pela Igreja como coroinha, uma escolha influenciada pela vontade de seu pai. Nesse ambiente, Fernanda encontrou formas de "não levantar suspeitas" sobre si mesma enquanto vivia sua primeira paixão avassaladora — e enfrentava o consequente coração partido. Esses momentos permitem ao leitor imaginar os diversos cantos de Remígio onde Fernanda, ainda criança, vivia suas aventuras às escondidas, criando um retrato de resiliência e coragem em meio às limitações impostas por sua família e pela sociedade da época.

"Livre para ser", como intitula o terceiro capítulo, descreve a infância de Fernanda, marcada pela busca de liberdade e pelo reconhecimento de sua verdadeira identidade de gênero. Já jovem, ela decide ir para João Pessoa, em busca de independência, e é lá que entra em contato com travestis mais experientes, como Nina e Valquíria, figuras que ganharam o respeito de Fernanda e deixaram uma marca profunda em sua memória.

A capital, no entanto, era um lugar desafiador. Em pleno período da ditadura civil-militar no Brasil, Fernanda encontrou espaço para afirmar sua identidade, mesmo em meio às tensões da época. Nesse

contexto, as novidades sobre estética trazidas do Sudeste, como procedimentos de feminização, despertaram o interesse de Fernanda. O processo de transformação reforçou sua feminilidade e passabilidade como "menininha", o que, embora aumentasse sua autoconfiança, também a expôs a situações delicadas, como o assédio por parte de maridos de patroas durante seus trabalhos como empregada doméstica.

Apesar dessas dificuldades, Fernanda encontrava maneiras de valorizar sua comunidade. Participava de eventos que enalteciam as vivências LGBTQIA+, como os concursos de "*Miss Gay*". Ao retornar para a casa dos pais em Remígio, o relacionamento com seu pai, conhecido como Seu Galego, revela nuances complexas. Embora ele não concordasse com a orientação da filha, passa a respeitá-la desde que certas condições fossem respeitadas, como não trazer homens para dentro de casa. Quando volta a João Pessoa, Fernanda abandona os trabalhos domésticos e se dedica aos estudos, marcando uma nova etapa em sua vida.

"Amores à flor da pele", o quarto capítulo, nos apresenta o lado amoroso de Fernanda e suas histórias com dois companheiros marcantes, Marcos e Anderson. Cada relação construiu um capítulo especial em sua vida, trazendo experiências que a fizeram refletir sobre o significado do amor e da parceria. Os relatos mostram que esses homens não apenas a amaram, mas também sustentaram suas próprias vontades e desejos ao lado dela. Fernanda reconhece, com carinho e admiração, o saldo positivo dessas vivências, apesar dos altos e baixos. Ela expressa respeito e gratidão aos dois homens de sua vida, elogiando a coragem que tiveram em viver essas histórias e por serem "à frente de seu tempo".

A narrativa dessas relações é apresentada de forma envolvente, despertando no leitor um sentimento de torcida pela felicidade de Fernanda. A maneira como suas histórias se entrelaçam convida à reflexão sobre algo que muitas travestis e mulheres trans almejam: ser amada e assumida por alguém sem medo ou receio. Fernanda, com sua trajetória, alcançou esse espaço, iluminando um tema tão significativo para sua comunidade.

No quinto capítulo, **“Parteira”**, conhecemos uma faceta fundamental da trajetória de Fernanda: seu desejo de cuidar e aprender, algo que ela carregava desde sempre. Ao ingressar como estagiária em 1992 na Maternidade Cândida Vargas, em João Pessoa, Fernanda encontrou o ambiente ideal para desenvolver suas habilidades e realizar seu sonho de ajudar a trazer vidas ao mundo. Sua dedicação e curiosidade a diferenciavam no trabalho. Fernanda fazia questão de

aprender profundamente sobre os processos do corpo, como a posição e o funcionamento do útero, a dilatação e o posicionamento correto do feto. Esse compromisso com a excelência destacava o impacto de seu trabalho, mesmo diante de um ambiente marcado por discriminação e preconceito, tanto por parte de colegas quanto daqueles que contratavam seus serviços.

Ainda assim, seus talentos foram reconhecidos. As aprovações em concursos e o respeito conquistado entre as autoridades da maternidade reforçaram sua posição. Mesmo enfrentando desafios, Fernanda transformava o espaço ao seu redor com sua determinação e habilidade. Sua militância já começava a se articular com sua atuação como técnica em enfermagem, integrando suas lutas políticas ao cotidiano do trabalho. O reconhecimento não tardou: Fernanda passou a ser conhecida como a "mão santa", por sua competência e dedicação. Essa política travesti, que desde os tempos de Remígio carregava sua força e coragem, continuava a marcar presença em todas as esferas de sua vida, inclusive no cuidado e no acolhimento dentro daquele espaço.

O sexto capítulo, **"Unidos pelo Carnaval"**, retrata a relação de Fernanda com o universo das escolas de samba, iniciada no final dos anos 1970, na extinta escola de samba Noel Rosa. Os relatos destacam os desafios enfrentados por Fernanda para interagir, participar e vivenciar a vida cultural e social nesses espaços, mesmo em atividades consideradas básicas, como o lazer. Esse esforço constante para ocupar esses ambientes é algo que o leitor perceberá ao longo de sua trajetória, e as autoras deixam isso evidente. Talvez esse contexto tenha motivado Fernanda a criar sua própria escola de samba, a "Unidos do Roger", cujo percurso, marcado por disputas, vitórias e perdas, é narrado no capítulo. A união com outros grupos culturais, como a Festa dos Santos Reis e o Cavalo Marinho, revela a habilidade de Fernanda em construir alianças indispensáveis para a manutenção e fortalecimento da Unidos do Roger. Mesmo quando precisou se afastar temporariamente por questões de saúde, Fernanda continuou envolvida nos movimentos sociais e na organização de sua escola, evidenciando seu senso de responsabilidade e comprometimento. A dedicação de seu grupo, tanto à escola quanto a ela, reflete a força coletiva que sustentava o projeto. Fernanda reconhecia que o sucesso da Unidos do Roger era fruto de um esforço compartilhado. Sua casa se tornava ponto de encontro e refúgio para todos os envolvidos, e o tumulto da preparação para os desfiles frequentemente fazia Fernanda perder o controle sobre a circulação de pessoas em seu lar. Essa dinâmica familiar e afetiva, representada por

sua “eterna escola”, revela não apenas sua devoção ao samba e à cultura local, mas também a importância das redes de apoio e afeto que construíra ao longo de sua vida.

No sétimo capítulo, **“A realização de um sonho: ser mãe”**, somos apresentados a um lado mais íntimo de Fernanda, frequentemente descrita por quem não a conhecia de perto como uma pessoa firme e de presença marcante. Por trás dessa imagem, havia uma mulher repleta de afetos e sonhos, e um dos mais profundos era o desejo de ser mãe.

Esse capítulo narra a concretização desse sonho, que sempre esteve presente em sua vida. A história começa no hospital Juliano Moreira, onde Fernanda trabalhava e onde conheceu seu primeiro filho, Wellan. Os diálogos e eventos ao redor desse momento revelam a determinação de Fernanda em construir uma família, enquanto a participação de sua mãe, dona Maria de Lourdes, mostra como as redes de afeto se fortaleciam. A mudança de sua mãe para João Pessoa, motivada por dificuldades em Remígio com o esposo, possibilitou a ambas uma convivência mais próxima. Para Fernanda, essa presença trouxe um amparo que ela própria não teve plenamente durante sua infância, marcada pela repressão, e que agora ela desejava oferecer aos filhos.

O falecimento precoce de sua irmã e melhor amiga, Jailza, foi um golpe que a deixou profundamente abalada. Nesse contexto de perda, surgiu a oportunidade de adotar sua segunda filha, Wellania, algo marcante para ela que ver uma semelhança física com Jailza tornando sua chegada ainda mais simbólica e especial para Fernanda.

O capítulo destaca a dedicação de Fernanda ao cuidado e à educação dos filhos, bem como sua preocupação constante em prepará-los para enfrentar os desafios de serem filhos adotivos. Também são explorados os dramas em torno da regularização das adoções e os laços que Fernanda construiu ao longo dessa jornada. Ela buscava formar os filhos dentro de valores de respeito às diferenças e à diversidade.

Embora o “eu te amo” não fosse uma expressão comum em sua família, Fernanda demonstrava amor de outras maneiras, especialmente por meio do suporte material e emocional. Essa narrativa revela não apenas as vulnerabilidades e medos de Fernanda, mas também sua incrível força e dedicação como mãe — de coração e por direito.

A trajetória de Fernanda carrega uma potencialidade política que se manifesta desde sua infância em Remígio até suas experiências como trabalhadora doméstica em casas de família. O oitavo capítulo, intitulado

“A entrada na política”, explora essa dimensão de Fernanda, sempre profundamente envolvida com a política, a cultura e os movimentos sociais, sendo uma figura política por essência.

O capítulo detalha sua atuação partidária, começando com sua participação no Partido dos Trabalhadores (PT), onde concorreu pela primeira vez como vereadora em 2000. Fernanda também desempenhou um papel significativo nos movimentos sociais voltados à comunidade LGBTQIA+, destacando-se na fundação e presidência da Associação de Mulheres Travestis, Transexuais e Transfeministas da Paraíba (ASTTRANS/ASTRAPA), criada com o apoio do Movimento Espírito Lilás (MEL).

Sua atuação política e social ampliou o debate em torno das questões trans e travestis, tanto na Paraíba quanto em outras regiões do Brasil. Fernanda participou ativamente de eventos políticos, artísticos e culturais em todo o país, incluindo sua atuação na Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA), onde ocupou a vice-presidência ao lado de Keila Simpson. Juntas, lideraram a organização por duas gestões consecutivas, de 2004 a 2008, marcando a primeira vez que a ANTRA foi presidida por uma liderança do Nordeste.

Fernanda era uma figura transversal: a mesma pessoa que brilhava em uma escola de samba também participava de congressos, eventos e assembleias, criando e fortalecendo laços de amizade e cooperação. Sua postura autêntica e bem resolvida deixava uma impressão marcante por onde passava. Relatos de amigas, como Keila Simpson, destacam essa característica. Keila recorda, por exemplo, um momento em que, recém-conhecidas, Fernanda não hesitou em se despir na frente das colegas, exibindo sua confiança e naturalidade. Keila brinca, ainda, dizendo que Fernanda era tão encantadora que dava vontade de morar com ela.

"A primeira vez a gente tem que se jogar", como intitula o nono capítulo, retrata a estreia de Fernanda na vida política, quando concorreu ao cargo de vereadora em 2004 com o lema de campanha *“Respeito acima de tudo”*. Um ponto que chama atenção nesse e em outros momentos de sua trajetória política é a percepção, compartilhada por membros do meio político, de que a comunidade LGBTQIA+ não aderiu plenamente às suas campanhas. Em 2004, essa falta de apoio foi atribuída, em parte, ao fato de Fernanda ainda não ser amplamente conhecida dentro do movimento.

Esse capítulo também contextualiza o ano de 2004 como um marco importante, tanto para a trajetória de Fernanda quanto para as

políticas públicas voltadas à cidadania LGBTQIA+. Foi nesse ano que o Programa de Combate à Violência e à Discriminação contra GLBT e de Promoção da Cidadania Homossexual (Brasil sem Homofobia) foi lançado. Além disso, destaca-se o papel de Luciano Bezerra, uma figura importante em sua caminhada política. Embora Fernanda não tenha conquistado um cargo eletivo, sua candidatura abriu caminhos para que outras pessoas, dentro ou fora do movimento LGBTQIA+, ocupassem espaço no cenário político paraibano. Seu pioneirismo deixou um legado que inspira e fortalece a representatividade na política.

No décimo capítulo, **"Uma travesti e um padre"**, acompanhamos a campanha de Fernanda em 2010, marcada pela colaboração direta do padre, político e professor universitário Luiz Couto, do Partido dos Trabalhadores (PT). Com o lema *"A voz de todas as bandeiras"*, como destaca seu amigo Cleudo Gomes em entrevista: "De 2004 para 2010, você tem duas Fernandas, politicamente e enquanto militante." Ao que parece, percebe-se que Fernanda buscava ampliar o alcance de sua candidatura e dar mais ouvidos a quem estava construindo com ela. Essa campanha é descrita pelas autoras como um verdadeiro trabalho "corpo a corpo". Fernanda percorreu sua cidade natal, Remígio, reencontrando pessoas e relembrando sua trajetória, o que reforçava sua conexão com a comunidade local. Apesar de seus esforços, que lhe renderam 2.782 votos, Fernanda não conseguiu se eleger. Após essa tentativa, insatisfeita com o PT, ela decidiu mudar para o Partido Socialista Brasileiro (PSB). Essa transição, no entanto, trouxe desafios significativos à sua carreira política, pois resultou na perda de importantes apoios. Isso se refletiu em sua última candidatura, em 2016, quando recebeu apenas 356 votos, deixando sua trajetória política em um cenário de incerteza.

No capítulo onze, **"A garota do cartaz"**, são destacados os papéis de destaque que Fernanda ocupou nos movimentos nacionais de transexuais e travestis. Sua presença tornou-se central em diversos eventos e campanhas voltadas à promoção de políticas públicas para pessoas LGBTQIA+. Em 2013, por exemplo, sua imagem ilustrou uma das campanhas nacionais mais notáveis do Sistema Único de Saúde (SUS) sobre o uso do nome social no Cartão SUS, conforme estabelecido pela Portaria 1.820 de 2009. Fernanda tornou-se uma figura cada vez mais requisitada, liderando discussões e ações voltadas ao reconhecimento e à garantia dos direitos das pessoas LGBTQIA+. Seu impacto não se limitou à Paraíba; ela também contribuiu

significativamente para o avanço de políticas públicas em outros estados, consolidando sua relevância no cenário nacional.

A Fernanda política, valente e destemida ao longo de sua vida, também é retratada como alguém que encontrou apoio em sua família. Isso fica evidente no capítulo doze, **"Dores e afetos em família"**, que começa com o relato do falecimento de sua mãe, dona Maria de Lourdes. Neste capítulo, a história de Maria de Lourdes é contada sob uma nova perspectiva, com destaque para seu casamento de 50 anos com seu Galego. A relação entre os pais de Fernanda, marcada por momentos de amor e conflitos, lança luz sobre aspectos presentes nas entrelinhas dos capítulos anteriores. As motivações, o desgaste e as atitudes de seu Galego em relação a dona Maria de Lourdes ajudam a compreender melhor o contexto familiar que moldou Fernanda. Esse capítulo também revela a força de Maria de Lourdes e de Fernanda, evidenciada em um trecho particularmente tocante: quando Fernanda precisa contar à mãe os resultados de seus exames quando a acompanhava no hospital devido a complicações de uma cirurgia em que foi submetida. Nesse momento, ela enfrenta um conflito interno, equilibrando sua postura como profissional da saúde com o papel de filha de Maria de Lourdes.

"Seguir presente" é o último capítulo do livro, o qual encerra a narrativa com uma experiência dolorosa para Fernanda: sua batalha contra a doença. Apesar das dificuldades, Fernanda acreditava que a morte, e não a doença, marcava o verdadeiro fim. Embora não acreditasse em ressurreição, ela nutria um lado espiritual profundo e uma forte conexão com os orixás. Fernanda faleceu em 2 de fevereiro de 2019, dia de Iemanjá. Em sua homenagem, a escola de samba Unidos do Roger, à qual era fundadora, realizou seu desejo e foi para a avenida no Carnaval de 2020. A escola compôs um samba-enredo em sua memória e conquistou a vitória naquele ano. Sua militância e importância foram amplamente reconhecidas por veículos de notícias locais, órgãos públicos e instituições da Paraíba. O samba-enredo trouxe versos que sintetizam o legado de Fernanda: ela “pintou o arco-íris de esperança”, foi uma “ativista do riso” e uma “mãe parteira”.

A obra conduz o leitor de forma objetiva e cativante, apresentando Fernanda Benvenutty como uma travesti política única. Seu sobrenome, como se explica no texto, é uma tradução de “bem-vindo” para o italiano — um reflexo de como Fernanda foi, de fato, bem-vinda em tudo o que propôs ao mundo com sua coragem, determinação e busca por igualdade e respeito. Se há algo que sua biografia nos ensina é que Fernanda não se perdeu do nome: ela dançou em palácios, dançou nas ruas, vestiu-se de

sonhos, ela não sabia se a noite a levava, porque Fernanda era livre e indomável. Infelizmente o fim veio lhe buscar, mas ela sambou na avenida, fez os seus sambarem com e por ela, no escuro foi porta estandarte, conduzindo todos/as com sua luz e sua história.

Referências

BENVENUTTY, F.; NASCIMENTO, S. S.; LIMA, L. F. **Fernanda Benvenutty, uma política travesti**. 1. ed. São Paulo: Patuá, 2022. 194p.

Fernanda Benvenutty, a Travesti Politician

ABSTRACT: The reviewed book narrates the life journey of Fernanda Benvenutty, a travesti from Paraíba, who is an artist, activist, healthcare worker, and a prominent figure in the LGBTQIA+ movement. The work, written by Silvana Nascimento, Luiza Ferreira Lima, and Fernanda herself, presents her trajectory as multiple and intertwined, gathering memories and life stories that highlight her role as a mother, nursing technician and carnival artist. It is a sensitive record of resistance, affection and identity affirmation.

KEYWORDS: Travesti. Identity. Resistance. Memory. Affection.

Carlos Henrique, DUARTE ARAÚJO
Graduado em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), pesquisador(a) nas áreas de antropologia, educação e literatura, com ênfase em gênero, sexualidades, corpo e subjetividades. Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

Recebido em: 28/01/2025
Aprovado em: 18/04/2025